

EM UM
PISCAR
DE
OLHOS

SUZANNE
REDFEARN

EM UM
PISCAR
DE
OLHOS

ALGUMAS DECISÕES NOS MARCAM PARA SEMPRE

Tradução
Úrsula Massula



Principis

Text copyright © 2020 by Suzanne Redfearn
Publicado em acordo com a Amazon Publishing, www.apub.com, em colaboração com
Sandra Bruna Agência Literária.

© 2022 desta edição:

Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

Título original

In an instant

Produção editorial

Ciranda Cultural

Texto

Suzanne Redfearn

Revisão

Fernanda R. Braga Simon

Editora

Michele de Souza Barbosa

Diagramação

Linea Editora

Tradução

Úrsula Massula

Design de capa

Ana Dobón

Preparação

Walter Sagardoy

Imagens

LeManna/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

R315u Redfearn, Suzanne

Em um piscar de olhos / Suzanne Redfearn ; traduzido por Úrsula Massula.
- Jandira, SP: Principis, 2022.
352 p. ; 15,50cm x 22,60cm.

Título original: In an instant

ISBN: 978-65-5552-765-0

1. Literatura americana. 2. Família. 3. Desenvolvimento. 4. Crescimento. 5.
Superação. 6. Amor. I. Massula, Úrsula. II. Título.

2022-0619

CDD 810

CDU 821.111

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Americana : 810

2. Literatura Americana : 821.111

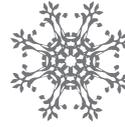
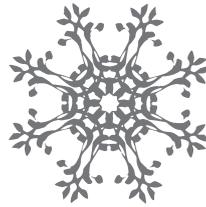
1ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Para Halle



Prólogo

A senhora Kaminski já sabia.

Antes mesmo de ter acontecido.

Até aquele dia, achávamos apenas que ela fosse uma mãe psicótica, neurótica e paranoica. Pelas costas dela, nós a chamávamos de *sentinela* e sentíamos pena da Mo por ela ter de lidar com uma mãe tão fóbica e obsessiva. *Protegida* era eufemismo para se referir à forma como a senhora Kaminski guardava a filha. Festas de aniversário na praia ou na piscina estavam fora de questão, a não ser que um salva-vidas estivesse presente e a própria senhora Kaminski pudesse estar por lá também – uma quarentona à espreita na areia ou na beira da água, perambulando, vigilante, em meio à criançada de doze anos que estava ali se divertindo. Disneylândia também era algo impensável. Embora ela fosse uma mulher discreta e pequena, de apenas um metro e cinquenta de altura, sorriso gentil e educada até demais, era difícil acreditar como era inflexível quando o assunto era vigiar a Mo.

Secretamente, a gente se perguntava se algo traumático havia acontecido à senhora Kaminski quando ela era jovem, algum motivo para torná-la tão protetora assim, mas Mo dizia não ser nada disso. Segundo ela, a mãe apenas

acreditava que ninguém mais cuidaria de seus filhos da maneira como você mesmo o faria. Visão generosa essa que a Mo tinha, e uma paciência muito maior do que qualquer um de nós teria se nossas mães se metessem nas nossas vidas da mesma forma como a senhora Kaminski interferia na da filha.

O acampamento de ciências da sétima série foi o momento em que a determinação da senhora Kaminski finalmente amoleceu – digamos que de granito para aço: um pouco mais maleável, mas sem tanta diferença assim. Todos os alunos do sétimo ano, exceto a Mo, iam para essa viagem. A senhora Kaminski foi chamada pela professora para conversar, depois pela diretora e, por fim, pela minha mãe. Foi minha mãe quem a convenceu. Meu pai iria como acompanhante e ficaria pessoalmente de olho em Mo. Talvez a senhora Kaminski tenha aceitado por acreditar em minha mãe, talvez por confiar em meu pai, ou talvez até por ter percebido que não poderia segurar Mo na rédea curta para sempre, ou quem sabe fosse pelo fato de o acampamento ser tão importante para o currículo daquele ano? Fosse qual fosse a razão, pela primeira vez nos doze anos de vida da minha amiga, ela foi autorizada a sair do ninho sem a mãe por perto.

Desde então, a senhora Kaminski nos confiou repetidamente sua filha, e cada momento sagrado desses era precedido pelas garantias dos meus pais de que “Cuidaremos bem dela”, “Ela está em boas mãos”, “Mo é como uma filha para nós” – lugares-comuns que não consigo tirar da cabeça esses dias, perguntando-me se essas palavras clichês e despreocupadas tiveram alguma influência no que aconteceu ou se elas não tinham mesmo sentido e que as coisas teriam sido como foram, independentemente de promessas irrefletidas.

Durante muitos anos, também fui confiada à senhora Kaminski, mas meus pais jamais pediram garantias da minha segurança. Por Mo ser filha única, eu sempre era levada como companhia para ela nas férias dos Kaminskis. Fui para África, Espanha, Tailândia e Alasca. Meus pais concordaram plenamente com cada convite, sem pensar duas vezes ou exigir promessas recíprocas de proteção, como as dadas por eles quando

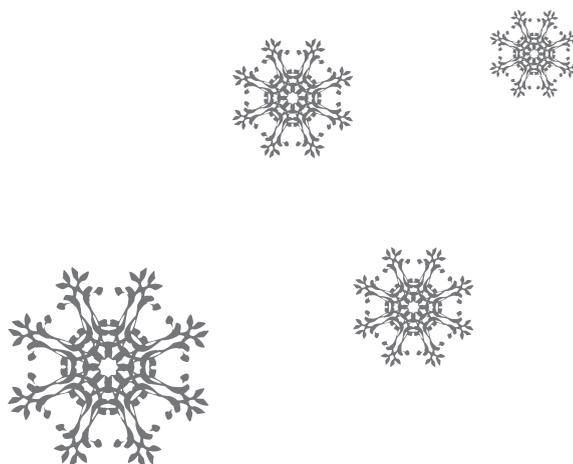
levávamos Mo com a gente. Pode ser que, na cabeça deles, isso valesse para os dois lados. Ou talvez, no fundo, meus pais soubessem que a promessa não seria acatada, o que teria tornado a decisão de permitir que eu me juntasse a eles um tanto embaraçosa. Imagino que meus pais acreditavam que os medos da senhora Kaminski se baseavam em uma autorreflexão já arraigada, em que ela poderia ter considerado a possibilidade de um sismo acontecer, ou um vulcão entrar em erupção, ou um navio naufragar e sabia que, diante da terrível escolha, ela cuidaria dos seus, e, embora Mo e eu fôssemos como irmãs, eu não me qualificava como um dos dela.

Desde as minhas memórias mais distantes, consigo me lembrar das minhas irmãs e amigas, e de mim também, todas revirando os olhos sempre que o nome da senhora Kaminski surgia, e de como a achávamos uma louca.

Ninguém mais a chama de louca.

Ela sabia. Antes mesmo de ter acontecido. E eu me pergunto: como? Ela era uma profetisa, uma visionária dotada de premonição sobrenatural? Ou foi exatamente como Mo disse, uma postura de proteção racional e bem ponderada, baseada no simples entendimento de que ninguém mais cuidaria dos dela como ela mesma o faria, e sabendo que a dela ficaria em segundo lugar se uma escolha precisasse ser feita?

E essas são as coisas que eu me questiono agora. Depois.



1

MAIS UMA DISCUSSÃO SOBRE LAÇO ROSA OU DOURADO E EU VOU PIRAR! QUEM SE IMPORTA? SÓ DEEM O FORA E SE CASEM. ACABEM LOGO COM ISSO. TÔ MORRENDO!!!

A MENSAGEM DA MÔ ME RESPONDENDO É QUASE INSTANTÂNEA: “TÁ SE DIVERTINDO?”

Tirar um dente seria menos doloroso. Por cinco meses, tenho sofrido essa tortura. Desde o anúncio do noivado da minha irmã, as minúcias das núpcias dela têm sido dissecadas e regurgitadas *ad nauseam*, e o grande dia ainda será daqui a três meses. *Ad nauseam*. Está aí uma bela palavra que nem chega perto de ser usada com tanta frequência quanto deveria (ou seriam duas palavras?), mas muito apropriada para o momento: toda essa excursão é mais do que consigo suportar.

É sexta-feira, uma linda tarde de céu azul e a oportunidade perfeita para eu estar na praia, curtindo um *skimboard*, surfando ou apenas me divertindo com meus amigos. Mas não, em vez disso aqui estou eu, sentada no chão de um provador de um ateliê de noivas, de costas contra a parede para que

minha irmã possa modelar seu vestido para minha mãe, minha tia e eu, a relutante dama de honra dela. Minha outra irmã, Chloe, não veio. Uma semana após o noivado, ela lançou alguns comentários sobre a instituição do casamento ser uma construção patriarcal antiquada que oprime as mulheres, fazendo-a ser imediatamente demitida da coisa toda, e eu, promovida.

Onde será que ela está agora? Provavelmente, andando por aí com o Vance, os dois atracados um no outro ou passeando de mãos dadas no centro da cidade, aproveitando este dia incrível. Quase chego a gemer de inveja e me pergunto, não pela primeira vez, se aquele comentário foi feito intencionalmente. Chloe é brilhante nesse nível. Ela sabe como fazer as coisas acontecerem, e trabalhar lado a lado com minha mãe por oito meses é definitivamente algo que ela se empenharia muito em fazer “desacontecer”.

Sorriso com desprezo de toda a genialidade envolvida nisso: minha irmã conseguindo se libertar dessa missão sem realmente desistir e repassando com sucesso a responsabilidade de ser o braço-direito da Aubrey. Até consigo imaginar a Chloe sorrindo enquanto esquematizava o plano, sabendo o quanto detesto esse tipo de coisa e sabendo também que oito meses consecutivos de “converse” me fazendo levar um sorriso alegre e de apoio na cara realmente atrapalhariam meu temperamento normalmente radiante, do tipo *jamaís-faça-compras-a-não-ser-em-caso-de-extrema-necessidade-de-roupa-de-baixo-limpa*.

– Finn, o que você acha? – Aubrey pergunta, fazendo com que eu tirasse os olhos do meu telefone, que agora mostra os memes mais engraçados do mundo animal. Na tela, um gato monta um husky com a pata levantada com a legenda “Siga o rato!”.

Eu pisco, e meu sorriso some do meu rosto ao mesmo tempo que um nó surpreendente se aloja em minha garganta. Mesmo eu não gostando de todas essas coisas rendadas, de menininha e relacionadas a casamentos, um poço de emoções bem de menininha cresce no meu peito. Já faz duas semanas que Aubrey vem falando descontroladamente sobre o vestido dela, contando de novo e de novo como ele é perfeito. Na maioria das vezes,

eu apenas me desligo... cetim isto, seda aquilo, colares de pérolas, alguma coisa sobre nervuras, outra sobre um decote em pedraria. Mas agora aqui está ela parada diante de mim – na verdade, elevada em seus saltos altíssimos –, ondas de cetim cor marfim, fluidas como líquido, espalhando-se de sua cintura inacreditavelmente fina, e filetes de pequeninas pérolas espiralando e pendendo do que suponho ser o decote em pedraria, e ela se parece com uma princesa de um conto de fadas, a mais bela de todo o reino encantado, e eu fico boquiaberta com o quanto ela está linda – e talvez eu esteja até com um pouquinho de inveja.

Atrás da minha irmã, minha mãe junta as mãos em frente ao rosto, orgulhosa, e tia Karen envolve os ombros da minha mãe com o braço. As duas encostam uma na outra e admiram minha irmã, suas cabeças louras platinadas quase idênticas se tocando.

– Bonito – digo, como se não fosse nada de mais, então volto a olhar para o meu telefone. Um cachorro preto aperta os olhos, com um picolé amarelo pingando na frente dele e escrito: “Congelamento de cérebro”. Sorrio e continuo a rolar as imagens enquanto minha mãe e tia Karen falam sem parar e dão voltas, admirando o vestido de todos os ângulos, e Aubrey balança para a frente e para trás.

Tia Karen então para ao meu lado.

– Tira uma foto com a Finn. Vocês duas.

E eu me contraio de vergonha só de pensar em ver minha foto no Facebook da tia Karen com alguma legenda ridícula do tipo “As deslumbrantes noiva e futura noiva em fuga, Aubrey e Finn Miller”.

– Não, não – minha mãe diz, me salvando. – Não até o grande dia. Dá azar tirar foto da noiva com o vestido antes do casamento.

Suspiro, aliviada, e me afasto um pouco mais da Aubrey, preocupada que até mesmo minha proximidade possa sujar seu vestido. Ela sorri para mim e diz “Obrigada”. Depois se vira de volta para as duas matracas, que deixaram para trás os comentários de admiração e agora se alvoroçam com as alterações a serem feitas no vestido.

Sinto minhas faces queimando e digo a mim mesma para deixar disso. Aubrey já me agradeceu um bilhão de vezes. Aquilo não foi nada de mais. A conversa que tive com a futura sogra dela demorou menos de cinco minutos, e a senhora Kinsell foi super de boa sobre o assunto.

Eu nem teria feito a ligação se Aubrey não estivesse tão chateada. Na minha opinião, o vestido de noiva da senhora Kinsell parecia bonito e era até meio que legal Aubrey ser a quarta geração a usá-lo... “linhas clássicas, pedrarias *vintage*, uma gola de renda vitoriana e botões forrados de cetim nas costas”. Mas Aubrey praticamente chorou ao recitar essas palavras, e, como eu meio que sou um zero à esquerda em todos os outros deveres de uma dama de honra, achei que essa seria a única incumbência que eu poderia cumprir. Mo diz que minha maneira de lidar com esse tipo de situação é uma bênção, uma franqueza que, misticamente, parece jamais ofender alguém. Acho que é mais o caso de as outras pessoas complicarem demais as coisas. Se você simplesmente as diz como elas são, não há certo ou errado. Depois que a senhora Kinsell superou sua surpresa inicial, ela ficou bem com isso e chegou até a confessar que também desejou comprar seu próprio vestido quando se casou.

Ela deve ter entrado em contato com a Aubrey assim que desligamos, já que minha irmã me ligou meia hora depois agradecendo e agradecendo e agradecendo. E agora, aqui está ela, cinco meses depois, rodopiando e se admirando e sorrindo, e fico tão feliz por ter decidido fazer aquela ligação.

Na minha frente, tia Karen levanta seus seios extragrandes com as mãos e solta um “*va-va-voom*” incentivando um pouco mais de decote, e minha mãe balança a cabeça enquanto Aubrey acena, dizendo algo sobre como Ben aprovaria, e é aí que tiro a foto, as risadas delas encobrindo o sutil clique do meu telefone.

Olho para a pequena tela, as três sorrindo, suas expressões desfocadas em deleite, o vestido refletido no espelho, o sorriso da Aubrey preenchendo o rosto dela, minha mãe e tia Karen radiantes do lado. Envio a foto para Mo com a mensagem ELA ESTÁ MARAVILHOSA! seguida de muitos corações e muitas carinhas sorridentes.

A tela rola, revelando a resposta da minha amiga: ADMITA QUE VC É UMA ROMÂNTICA ENRUSTIDA. POR FALAR NISSO, JÁ DECIDIU?

Minha boca treme enquanto encaro a pergunta dela, talvez esperando que os pixels brilhantes me deem algum tipo de luz: a resposta ou a coragem que me faltou desde que confessei a Mo que estava pensando em convidar Charlie McCoy para o baile. É um baile do tipo *garota-convida-garoto*. No ano passado, fui sem par, acompanhada de um monte de outras meninas que ou eram muito tímidas, ou muito orgulhosas, ou muito feias para convidar um garoto. Usamos tênis Converse com nossos vestidos, arrastamos na pista de dança com movimentos ultrajantes *nunca-antes-vistos* e devoramos barras de chocolate enquanto tirávamos uma com a cara de todas as outras garotas, com seus calcanhares doloridos, sorrindo estranhamente para seus pares e olhando desejosamente para as calorias proibidas das comidas, exibidas como uma mesa de tortura. Eu tinha certeza de que neste ano eu faria a mesma coisa, mas isso foi antes de o Charlie aparecer. Foi como se eu o tivesse conjurado, do nada. *Querido Deus, por favor, me mande um garoto alto, lindo, um pouco pateta, jogador de futebol e de olhos verdes*. E, tcharam! Lá estava ele no primeiro dia na escola, no primeiro horário.

– Terra chamando Finn – Aubrey joga meu moletom em mim, e percebo que ela já tinha se trocado e que estamos saindo do provador.

Eu a sigo pela loja. Minha mãe e tia Karen pararam no caixa para conversar com a proprietária da loja, e minha irmã e eu fomos para o lado de fora. Aubrey imediatamente pega seu telefone para ligar para Ben. Ela dá risadinhas, toda entusiasmada, ao falar sobre o vestido de noiva e depois sobre o que deveria vestir para encontrar os pais dele. Neste fim de semana, ela e Ben voarão para Ohio para se juntarem aos futuros sogros da minha irmã.

Ela diz “Eu te amo” e desliga e em seguida leva à boca uma das mãos perfeitamente manicurada e rói uma cutícula invisível.

– Você está bem? – pergunto.

– Nervosa.